

COMO VAI VOCÊ, 2013?

Lutas políticas e práticas artísticas no Brasil contemporâneo

HOW'S IT GOING, 2013? Political struggles and artistic practices in contemporary Brazil

ÍTALA ISIS DE ARAÚJO

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – Brasil

JORGE VASCONCELLOS

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói - Brasil

RESUMO

O dossiê reúne reflexões e experiências sobre as lutas de 2013 no Brasil, com foco nas práticas artísticas como ferramentas de ação estético-política. O objetivo é apresentar uma visão mais complexa e diversificada desse período, que vai além da associação com a ascensão do fascismo no país, buscando contar outras histórias. A publicação é dividida em subtemas, abordando desde as ações arte-ativistas até as práticas de dissidência de gênero e as estéticas comunitárias.

PALAVRAS-CHAVE

ação estético-política, 2013, práticas artísticas, lutas políticas

ABSTRACT

The dossier brings together reflections and experiences on the struggles of 2013 in Brazil, focusing on artistic practices as tools of aesthetic-political action. Its goal is to present a more complex and diverse view of this period, going beyond the association with the rise of fascism in the country, aiming to tell other stories. The publication is divided into subthemes, addressing topics ranging from art-activist actions to gender dissidence practices and community aesthetics.

KEYWORDS

aesthetic-political action, 2013, artistic practices, political struggles

Este dossiê, reunindo memórias, reflexões e desdobramentos das experiências vividas nas lutas de 2013, guarda, desde sua gênese, um compromisso: contar para as gerações mais jovens outras histórias, para além daquelas que se limitam a associar o período à ascensão do fascismo no Brasil. O tal ovo da serpente. Para nós, 2013 foi um caldeirão, mais complexo do que qualquer análise maniqueísta. Um grande caldeirão cozido no fogo de anos anteriores, que ferveu e se derramou pelas redes e pelas ruas, desorganizando as normas, questionando os poderes, instaurando um tempo liminar e inspirando outros movimentos ao longo dos anos.

As protagonistas das outras histórias aqui reunidas são as práticas artísticas, enquanto ferramentas de fazer ver e fazer fazer, engajando corpos diversos em ações estético-políticas (C28M, 2023). As possibilidades que se abrem através da reflexão sobre essas ações, nos orientou na organização desse trabalho tecido à várias mãos, propondo uma sequência de leitura que reúne diferentes gêneros texto-visuais em subtemas.

No subtema, “Percurso histórico/teóricos de ações estético-políticas desde 2013”, Jamie Duncan, apresenta a importância das práticas arte-ativistas nos períodos de 2013 e 2014, a partir de uma trajetória de ações centradas numa campanha de “decoração anti-copa”, realizada em 2014 em diversos locais da cidade do Rio de Janeiro, destacando o Complexo da Maré; Cristina Ribas propõe uma extensa reflexão na forma de ensaio sobre a ideia de cartografia destrutiva, produzindo desdobramentos inscritos nos encontros entre pesquisa militante, produção de conhecimento, criatividade e subjetividade; Calos D., através de um meta-ensaio no formato de história em quadrinhos, avalia o jogo de ações e reações estético-políticas nas ruas do Rio de Janeiro, desde 2013 até os acontecimentos do 8 de janeiro de 2023; na entrevista feita por nós, pessoas editoras convidadas desta revista, com Giseli Vasconcelos, a artista e mídia-ativista comenta sua trajetória, que se confunde com a trajetória histórica do mídia-ativismo no chamado Brasil profundo.

No subtema “Estética comunitárias”, Carol Lucena reflete sobre as reverberações de 2013 nas favelas do Complexo do Alemão, a partir das ações estético-políticas do Movimento Ocupa Alemão, suas perspectivas e desdobramentos; Raphi Soifer apresenta um experimento de escrita situada no encontro entre memória social, performatividade e política, retratando três diferentes momentos históricos do Centro da Cidade do Rio de Janeiro; Ítala Isis apresenta, no desenho a carvão, a imagem de uma importante liderança política indígena da Aldeia Maracanã, José Urutaua Guajajara, evocando através dela as lutas de uma época que reverberam como luzes e sombras da atualidade; Hevelin Costa dá sequência à evocação dessas lutas, através de um ensaio fotográfico feito no calor das ruas.

No subtema “Práticas de experimentação corporal e dissidência de gênero”, Guilherme Altmayer destaca as disputas e conflitos que evidenciaram o lugar do corpo e da dissidência de gênero nos levantes de 2013, através de ações diretas na ocupação das ruas e outros espaços.

No subtema “Rebatismos”, transcrevemos uma conversa com a pessoa que realizou a primeira ação de rebatismo com a placa “Rua Marielle Franco” e que, por segurança e posicionamento político, optou pelo anonimato, se apresentando como “ativista lésbica do Rio de Janeiro”.

No subtema “Contramonalidades”, Camila Jourdan comenta, em um ensaio conciso, a noção de “terrorismo” a partir de reflexões sobre a sentença de absolvição tardia dos 23 militantes presos e processados por protestar contra a Copa do Mundo de 2014, entre os quais a autora estava incluída; Alex Frechette documenta através de imagens, relatos e reflexões, a presença e pertinência de ações artísticas e estético-políticas durante os protestos de 2013, inclusive suas próprias ações; o Coletivo 28 de Maio/C28M, composto pelos teóricos-ativistas Mariana Pimentel e Jorge Vasconcellos, analisa dois eventos de grande repercussão na história recente do país: a ação de incendiar a estátua do Bandeirante Borba Gato, na cidade de São Paulo, em 2021, e as ações de ocupação das escolas e ruas pelo movimento secundarista, em 2015 – 16, em diversas partes do país; Wellington Dias fecha o bloco e o dossiê, com um ensaio visual apresentando registros fotográficos de um carro da polícia militar do Rio de Janeiro queimando na Rua Joaquim Silva, no bairro da Lapa, logo depois de uma das grandes manifestações de 2013.

Por fim, a construção desse dossiê, feito de colaborações calorosas e apaixonadas, torna-se uma ação importante na defesa da memória e da história heterogênea e complexa deste país. Mostra que, para além das disputas e projetos institucionais hegemônicos de nação, movimentos progressistas, minoritários, populares, heterogêneos, dissidentes, atentos, presentes, teceram e continuam tecendo coletivamente nossas histórias. “Não tem arrego! A nossa luta é todo dia!”.

Ítala e Jorge

REFERÊNCIAS

28 DE MAIO, Coletivo. O que é uma ação estético-política?. **Revista Vazantes**, UFC vol. 1, n.1., 2017. Disponível em <<http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20463>> Acesso em 15 jan. 2024.

Ítala Isis de Araújo é artista, educadora, pesquisadora e programadora visual. Doutora em Arte e Cultura Contemporânea (PPGARTES\ UERJ). Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA\ UFF). Bacharel em Gravura (EBA UFRJ). Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas (EBA-UFRJ). Atua principalmente no espaço público com performances e intervenções urbanas. Nos últimos anos tem retomado uma produção plástico-poética, utilizando principalmente técnicas relacionadas à linha (bordado, costura e desenho). Em seus últimos projetos, Costuras Errantes em Catalão GO (Bolsa Funarte de Residência Artística Estação Cidadania-Cultura 2019) e Linhas da Arte Linhas da Vida (Prêmio Arte-Escola Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc), realizou mapeamentos de artistas e artesãs que utilizam a linha como elemento de linguagem, além da criação de sites como plataforma de difusão desses saberes. Foi contemplada no Edital Funarte Circulação das Artes - Edição Centro-Oeste com o projeto de intervenção visual Costuras Urbanas, promovendo o encontro entre as tradições têxteis e as tradições da errância urbana. Foi idealizadora, coordenadora e artista urbana no projeto "Entretempos: Imagens Memórias do Morro da Conceição", contemplado pelo Edital Rua Cultural 2022, da Secretaria de Cultura e Economia Criativa RJ. Atualmente é Professora Substituta de Desenho Artístico I na Escola de Belas Artes - UFRJ. **italaisis@yahoo.com.br**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0635368198030224> **ORCID:** <https://orcid.org/000-0003-1623-6408>

Jorge Luiz Rocha de Vasconcellos (Jorge Vasconcellos), negro-indígena. Doutor em Filosofia. Professor Associado na Universidade Federal Fluminense/UFF, Niterói-RJ/Brasil, no Departamento de Artes e Estudos Culturais/RAE e no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes/PPGCA. Foi Coordenador do Programa/PPGCA-UFF (2019-2021). Líder do Grupo de Pesquisas CNPq – práticas estético-políticas na arte contemporânea. Teórico-ativista no Coletivo de ações e práticas estéticos-políticas e procedimentos acadêmicos contrapedagógicos 28 de Maio/C28M, em parceria com a professora Mariana Pimentel. Cientista de Nosso Estado/CNE-2020 pela FAPERJ. Fez Pós-doutorado em Artes no Instituto de Artes da UERJ (2019). Publicou livros sobre Deleuze, Foucault e Arte Contemporânea, além de ensaios sobre teoria da arte e do cinema em perspectiva filosófica **jorgevasconcellos@id.uff.br** , **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/8875730278638101> , **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-4707-7710>

Como citar

ARAÚJO, Itala Isis de; VASCONCELLOS, Jorge COMO VAI VOCÊ, 2013? Lutas políticas e práticas artísticas no Brasil contemporâneo. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 5 n. 2, p. 12-15, jul. – dez. 2024. <https://doi.org/10.14393/EdA-v5-n2-2024-76273>



A revista Estado da Arte está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.